

OS DESAFIOS DA ARTE DE 'CURAR'

Rogério Manjate

rogerio.manjate@sol.co.mz

Os curadores, ou comissários, vão ganhando espaço e tornando-se parte do processo criativo das artes plásticas. Uma palestra no MUSART clarificou o papel desta figura.

O Museu Nacional de Arte (MUSART) e a Fundação PLMJ (Portugal) organizaram, no dia 6, uma palestra sobre 'Curadoria e arte: desafios actuais', orientada pelo curador português Miguel Amado, que fez muito recentemente a curadoria do pavilhão de Portugal na Bienal de Veneza.

Como disse Alda Costa, museóloga e historiadora de arte, «a figura do curador está presente há algum tempo, mas não há muita clareza. E não é por acaso que muitas vezes a pergunta volta: mas afinal o que é um curador?».

E foi para clarificar conceitos e promover esta figura entre os diversos actores de artes que a concorrida palestra foi organizada. «Quando estive a preparar a minha intervenção, achei importante mostrar que não sou artista, sou curador. E aquilo que faço é uma esfera de acção – não acumula com outras. Não vendo arte, não sou artista, não represento artistas, não sou director de museu, e penso que isso permite às pessoas perceberem o que é o trabalho de um curador», explicou Miguel Amado.

Papel do curador

Curador é aquele que concebe e organiza exposições. A curadoria mistura e liga a arte e o público, os artistas e os galeristas. Portanto, a curadoria permite a ligação dos diferentes intervenientes e de tornar a arte compreensível a pessoas diferentes, introduzindo novas maneiras de ver e podendo portanto criar novas histórias. O curador liga-se fundamentalmente à arte contemporânea, ou à arte do seu tempo, e aos artistas da sua geração.

Mas que não haja confusão. O curador não tem necessariamente de ser artista e nem impõe o que o artista deve mostrar. Isto é, a última palavra sobre a obra pertence ao artista, ficando clara a função e a intervenção do cura-

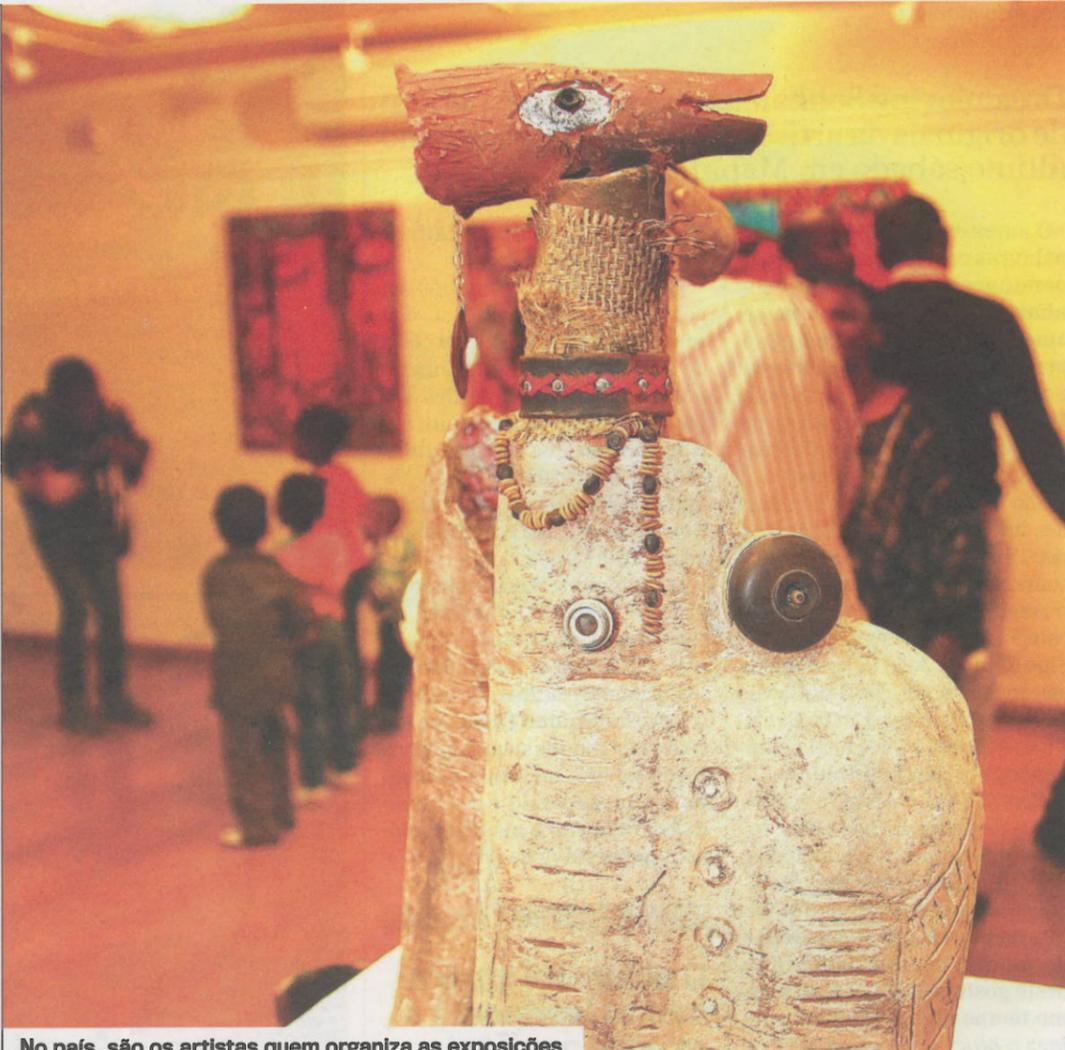
dor, tal como explicou de forma sintética Jorge Dias, artista plástico e curador moçambicano: «É o mediador, negociador, facilitador para que o artista venha a apresentar o seu trabalho e de forma que seja percebido».

Em cenas artísticas que ainda estão em desenvolvimento, como é o caso de Moçambique, tende a haver uma sobreposição de papéis, ou seja, a prática é que o próprio artista acumule diversos papéis – faz arte, vende arte e organiza as exposições de outros artistas. «O curador não existe e isso é muito comum, não só em Moçambique, em África, e também na Europa», observa Amado.

Quanto mais desenvolvidas as cenas artísticas, mais especializadas são as várias funções. Mas por aqui, não só a figura do curador está em falta, também várias outras que fazem parte da cadeia de produção das artes plásticas – desde a criação até ao encontro com o público e a respectiva venda e internacionalização. «O galerista de arte não existe, que é o que vende, que promove os seus artistas e sabe como organizar as coisas, e o coleccionador é mais visto como um mecenas que apoia o artista. E por outro lado todos os curadores são eles próprios os artistas, e isso é uma característica daqui», disse Amado.

No final da palestra, Alda Costa manifestou ao SOL a sua satisfação. «Achei fundamental este encontro, primeiro pela clareza de conceitos. Estando aqui estudantes da Escola Nacional de Artes Visuais, do ISARC e artistas, Amado clarificou conceitos. E evidentemente, um dos problemas desta cena artística, não é só a vitalidade, não é só o número de intervenientes, mas também a compreensão das outras partes do sistema».

Mas como disse Jorge Dias, «aos poucos a figura do curador vai sendo mais clarificada



No país, são os artistas quem organiza as exposições

RICARDO FRANCO

e vai havendo mais espaço. As instituições e os artistas começam a ter consciência de que o papel do curador é importante. É uma figura que faz falta e que sempre foi substituída por outras profissões. Gradualmente o curador vai-se profissionalizando».

Resistência dos mais velhos

Mas se a figura do curador vai-se impondo gradualmente, não é sem resistências. Amado conta que a resistência provém sobretudo dos artistas de uma geração mais velha, que olha para a figura do curador com desconfiança e como alguém que vai levar a obra do artista para fora e vender caro, mas sem dar o dinheiro ao artista.

«Tem a ver com gerações e com o facto de muitos dos artistas serem autodidactas e não virem de uma escola. Não têm contacto com esta realidade. Não entendem o que eu faço – a necessidade de organizar a exposição, de integrar uma obra num projecto. Por outro lado, estão habituados a lidarem directamente com quem os compra a arte», afirmou Miguel Amado.

Jorge Dias, a partir da sua própria experiência e actuação como curador no país, explica que «o artista consciente compreende a importância e o papel do curador. Organizamos várias exposições, em que muitos trabalhos foram conversados entre o curador e o artista».

Mas é certo que a confusão exis-

te, porque há quem se apresenta como curador quando na verdade «são vendedores, são galeristas, ou então pessoas que compram a obra a preços baixos e que mais tarde vão vender mais caro. Essa confusão também leva a que nas gerações mais antigas haja mais desconfiança, mais resistência, mas nas gerações mais novas já é ao contrário», rebateu Amado.

Amado ressalva que os artistas mais jovens já estão mais preparados para desenvolver a sua carreira e perceber que é importante uma relação com um curador e outros agentes, «porque isso vai ajudá-los a eles próprios a desenvolver a sua carreira, não só localmente, mas também internacionalmente».